

## PREFÁCIO DA ANTOLOGIA *DE ANTÔNIO NOBRE AO SAUDOSISMO*, ANTECEDIDO POR UMA APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

---

SOLANGE FIUZA\*

### RESUMO

Prefácio escrito por João Cabral de Melo Neto para a antologia *De António Nobre ao Saudosismo*, que não chegou a ser publicada. Antecede o prefácio uma apresentação crítica, que procura recompor parcialmente a antologia e também situa rapidamente o paratexto no âmbito das relações entre o poeta e Portugal.

**PALAVRAS-CHAVE:** João Cabral de Melo Neto. Antologia De António Nobre ao Saudosismo. Relações poéticas Brasil-Portugal.

---

Nos anos 1940, o historiador e professor português Jaime Cortesão, devido à ditadura salazarista, encontrava-se exilado no Brasil, onde era diretor literário das editoras Livros de Portugal e Dois Mundos, sediadas no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, convidou o poeta e diplomata Vinicius de Moraes a organizar uma seleta da poesia portuguesa que deveria apresentar ao público brasileiro poetas do período compreendido entre o Simbolismo e o Saudosismo. Tendo Vinicius sido removido pelo Itamaraty para Los Angeles, Cortesão confiou o trabalho ao jovem poeta e recém-ingresso na carreira diplomática João Cabral de Melo Neto (ATHAYDE, 1998, p. 140).

Para levar adiante a empreitada, Cabral conta ter lido “pilhas de poetas dessa época” (FREIXIEIRO, 1971, p. 184), feito a seleção, escrito o

---

<sup>1</sup> Esta apresentação é uma adaptação do artigo “João Cabral e os rastros da antologia *De António Nobre ao Saudosismo*”, publicado originalmente na revista *Alea* (FIUZA, 2022a). O prefácio de Cabral que a segue é inédito.

\* Professora Titular da Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.  
E-mail: solfuza@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2458-8676>

prefácio e entregado o material a Cortesão. Ao realizar esse trabalho, tinha um outro para lhe servir de referência, a antologia *Poetas novos de Portugal*, com seleção e prefácio de Cecília Meireles. Diferentemente dessa obra, a seleta de Cabral não foi publicada porque, segundo ele, “a Livros de Portugal faliu” (ATHAYDE, 1998, p. 140).

A Livros de Portugal foi uma editora e distribuidora de livros criada, no final da década de 1930, no Rio de Janeiro. Os seus fundadores foram os portugueses António Augusto de Sousa Pinto, futuro editor da Lisboa Livros do Brasil, António Pedro Martins Rodrigues e Américo Fraga Lamares, que, posteriormente, foi também proprietário da portuense Editora e Livraria Civilização. Teve como objetivo principal divulgar a herança portuguesa nas áreas de história, etnografia, literatura e linguagem, em edição avulsa ou na sua coleção Clássicos e Contemporâneos. Jaime Cortesão, a partir de 1942, foi diretor literário da editora e, pouco tempo depois, também da Edições Dois Mundos, que igualmente contava com a coleção Clássicos e Contemporâneos. Nessas duas editoras foram publicadas importantes obras não só de literatura e cultura portuguesas, mas também de literatura e cultura brasileiras. A mencionada antologia *Poetas novos de Portugal*, organizada por Cecília Meireles, foi publicada em 1944 pela Dois Mundos. Anos depois, a Livros de Portugal editou outras obras de Cecília Meireles (*Retrato natural*, 1949; *Doze noturnos da Holanda & o aeronauta*, 1952; *Romanceiro da inconfidência*, 1953; *Canções*, 1956; *Metal rosicler*, 1960; *Solombra*, 1963; *O menino atrasado: auto de Natal*, 1966), assim como de Jorge de Lima (*Invenção de Orfeu*, 1952).

Se a antologia *Poetas novos de Portugal* foi publicada pela Dois Mundos, muito provavelmente, também o seria a seleta de Cabral. Além disso, as publicações saídas pela Dois Mundos do Rio de Janeiro estão circunscritas aos anos 1940, ao passo que a Livros de Portugal prosseguiu com novos títulos até, pelo menos, o final dos anos 1960. A atribuição, por parte do organizador, da não publicação de seu trabalho à derrocada financeira da Livros de Portugal deve-se, provavelmente, a uma confusão da memória proveniente de ser Jaime Cortesão o diretor literário das duas editoras.

Em carta a Cabral de novembro de 1949, Murilo Mendes reforça a hipótese de que a editora por que a antologia sairia seria a Dois Mundos: “Infelizmente s/ antologia sobre a poesia portuguesa (simbolista, não é?) não saiu porque a Editora Dois Mundos não tem editado mais, a não ser livros que os autores pagam!” (MENDES, 1949).

Apesar das tentativas empreendidas para encontrar a antologia *De Antonio Nobre ao Saudosismo* no espólio de João Cabral, sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e no espólio de Jaime Cortesão, na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, alcancei apenas rastros deixados em cartas, depoimentos e o prefácio, até então inédito, que segue a esta apresentação. Esses documentos permitem recompor, de modo fragmentário, o que poderia ter sido esse trabalho, que permanece como uma não obra.

Logo no início do prefácio, Cabral menciona a seleta *Poetas novos de Portugal*, que está no seu horizonte ao preparar a sua e escrever o prefácio, e por isso vale a pena resgatar sumariamente o prefácio assinado por Cecília Meireles.

O prefácio de Cecília destina-se ao “[...] leitor brasileiro privado do contacto com a literatura viva de Portugal” (MEIRELES, 1944, p. 17). Define os poetas novos ou seus precursores, que não são necessariamente os poetas contemporâneos, mas aqueles que, vivendo em sua época ainda incompreendida, criam uma expressão nova, isto é, novos temas, novas técnicas para melhor representar essa época; expressão que se torna, muitas vezes, ininteligível para o público contemporâneo. Esses poetas novos são caracterizados por “um especial poder de crítica e autocrítica”, o qual a prefaciadora compreende como uma vantagem em relação aos de outros países ou tempos. Devido a esse criticismo, esses poetas, segundo Cecília, “[...] deixarão de si, ao lado de uma produção singularmente expressiva, elementos para a sua interpretação, minuciosa e clara.” E acrescenta: “Muitos deles são tão bons críticos literários como poetas [...] provando que, além de saberem dizer o que querem, sabem como o dizem e por que o dizem” (MEIRELES, 1944, p. 20). Os precursores desses poetas são não Eugênio de Castro, mas Cesário Verde, António Nobre

e Antero de Quental, considerados “[...] três raízes poderosas da poesia nova de Portugal” (MEIRELES, 1944, p. 26). A apresentação dos poetas começa por Camilo Pessanha, por ser ele “[...] menos conhecido no Brasil, e por mais próximo do grupo de que se vai tratar” (MEIRELES, 1944, p. 26). Após a caracterização de Pessanha, segue a de outros poetas ligados ao grupo da revista *Orpheu*, sendo dispensada, com justiça, a Fernando Pessoa, que passa por um processo de difusão e reconhecimento em Portugal nos anos 1940 com a publicação de sua obra, uma atenção maior que aos demais poetas. Na sequência, tem-se uma apresentação que vai dos poetas ligados à revista *presença*, entre os quais José Régio, Adolfo Casais Monteiro e Miguel Torga, aos mais novos, como Rui Cinatti, João José Cochofel e Jorge de Sena. A seleta de poemas segue a mesma estrutura do prefácio, sendo dividida em duas partes: “Camilo Pessanha e o grupo de *Orpheu*” e “Da *presença* aos poetas mais novos”. Ainda, antecede ao prefácio uma “Bio-bibliografia dos autores”, que traz informações desiguais devido ao limite de informações obtidas sobre alguns deles. Sobre Alfredo Pedro Guisado, por exemplo, é informado apenas que é “Colaborador de *Orpheu*”, e sobre Mário Dionísio, o único dado é: “*Poemas*, 1941”.

O prefácio de Cabral, diferentemente do de Cecília, foge ao esperado de um paratexto dessa natureza, pois não realiza uma caracterização do período contemplado, nem uma apresentação dos poetas selecionados, o que poderia ser útil ao leitor brasileiro de então, pois, nas palavras do prefaciador, alguns dos nomes desses poetas, apesar da língua comum, vão soar a esse leitor “[...] como se pertencessem a autores tchecos”. Muito provavelmente, a antologia iria conter uma breve nota biográfica dos poetas em outro local, talvez antecedendo ao prefácio, de modo a seguir a mesma estrutura de *Poetas novos de Portugal*.

Cabral justifica a fuga a um prefácio modelar alegando que, para realizar um trabalho dessa natureza, faltam-lhe “[...] a qualificação necessária como, sobretudo, a documentação indispensável e o gosto”, “[...] documentação (em textos propriamente e em informações) quase impossível de se obter no Brasil”. Se ao autor desgosta um trabalho dessa natureza, não há o que discutir, mas certamente a falta de documentação,

que está na base do que ele chama de falta de qualificação – e que também não deixou de ser uma dificuldade para Cecília Meireles, talvez mais para ela inclusive, por lidar com poetas mais recentes –, poderia ser contornada ou minorada de várias formas, inclusive com uma consulta ao próprio Jaime Cortesão, a quem ele recorreu em algum momento da preparação do trabalho, como se verá mais adiante.

No prefácio, o organizador opta por expor problemas ou disjunções decorrentes de um poeta e leitor de “sensibilidade brasileira moderna” ser o responsável pela escolha de poetas portugueses mais antigos, orientados por outra sensibilidade poética e nacional. Ou seja, em lugar de uma apresentação da seleta realizada, dos autores escolhidos, dos critérios de seleção, tem-se a exposição, ao leitor, da cozinha da antologia, da publicação de critérios de escolha que são, para o escolhedor, mais que critérios, impossibilidades de ele fazer diferente devido ao seu contexto histórico e literário.

A diferença de nacionalidade entre o antologista e os poetas gera, segundo Cabral, problemas relativos “[...] ao conjunto de mitos que caracterizam a literatura de qualquer país”. Esses mitos nacionais, infere-se, só poderiam ser mais plenamente compreendidos pelos patrícios dos poetas selecionados, isto é, os leitores portugueses. A diferença entre a sensibilidade brasileira do escolhedor e a sensibilidade portuguesa dos poetas gera também problemas de ordem linguística decorrentes de diferenças prosódicas, semânticas e pragmáticas.

Por esse limite de nacionalidade que Cabral reivindica para si pode-se verificar que o poeta não foi indiferente ao cânone nacionalista modernista, pelo qual se bateu, mais que todos, Mário de Andrade, chamado pelo pernambucano, em cartas a Alberto de Serpa, de “um poeta meu”, “nosso mestre”, isto é, dele e de modernistas posteriores<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Arnaldo Saraiva e eu organizamos a correspondência entre João Cabral e Alberto de Serpa, a qual se encontra no prelo da Ateliê Editorial. Sobre a influência de Mário de Andrade em Cabral, remeto ao artigo “‘Um poeta meu’, ‘nosso mestre’: presença de Mário de Andrade em João Cabral”, de minha autoria, publicado na revista Brasil/Brazil (FIUZA, 2022b).

Os maiores problemas impostos à antologia decorrem, entretanto, no entendimento do organizador, da diferença geracional entre ele e os poetas. Enquanto Cabral é um poeta de sensibilidade moderna, nascido para a vida literária nos anos 1940, o período da antologia contempla poetas que floresceram no fim do século XIX e início do século XX, muitos dos quais totalmente desconhecidos para o leitor brasileiro. Muito mais fecundo, para o antologista, é o encontro de sensibilidades, no caso da mencionada seleta *Poetas novos de Portugal*, entre Cecília Meireles e os poetas de sua própria geração, pois tanto para uma quanto para os outros se colocam “[...] idênticos problemas de ordem criadora”.

A diferença geracional entre Cabral e os poetas da antologia e a “*prise de conscience* de si mesma” da sensibilidade moderna, já notada no prefácio de Cecília, poderia fazer com que essa sensibilidade, que é a do selecionador, “[...] em lugar de escolher o que nestes poetas é o mais característico”, destacasse “[...] o que possuíam eles de mais moderno, de precursores”.

Essa consciência de si mesma, segundo Cabral, agudizou a diferença entre os dois tipos de artistas que se substituem na história das artes, os inspirados e os artesãos, fazendo-os tocar os pontos extremos do romantismo e da elaboração clássica, sobre os quais o poeta discorrerá detidamente na clássica palestra “Poesia e composição”, proferida em 1952.

Apesar da diferença entre os dois tipos de poetas, o dominado por forças passivas e o consciente, e apesar dos diferentes tipos de leitura que solicitam, respectivamente, “passividade distraída” e “atenção continuada”, as atitudes dos dois poetas identificam-se porque propõem ao leitor, subitamente, uma unidade poética reduzida ao mínimo essencial, ou seja, “[...] uma imagem, uma relação de palavras, uma palavra num estado de solidão absoluta e independente”.

É esse tipo de concepção poética que determina o que o autor chama de “sensibilidade moderna”. Essa sensibilidade exige menos do poema e mais do verso, suscita a surpresa de uma imagem em lugar da contemplação de “[...] uma coisa que a obra literária evocava ou

comentava”; essa sensibilidade moderna, diferentemente daquela da poesia épica ou dramática, caracteriza-se pela descontinuidade. Essa sensibilidade, que “[...] parece funcionar sob o efeito de choques” e é a de Cabral, tornou peculiar, segundo ele próprio, o seu trabalho ao escolher os textos que figurariam na antologia, no sentido de, por exemplo, valorizar uma imagem em detrimento do poema, a atmosfera em lugar da significação, a melodia mais que a “continuidade orquestral”, o sensorial em vez do intelectual.

Os problemas apontados por Cabral decorrentes de ser ele assinalado pelo espírito da época moderna parecem constituir antes a condição de um homem do seu tempo ao se voltar para o passado, buscando nele aquilo que significa para o presente, que o ajuda a entender o seu tempo. Todos os poetas novos, os verdadeiramente contemporâneos de seu tempo, quando se voltam para o passado literário, buscam a si mesmos, a sua genealogia poética, que é, borgeanamente falando, uma criação do presente.

Por uma carta endereçada a Lauro Escorel, junto à qual envia o prefácio ao amigo, é possível saber que, em setembro de 1946, a antologia já estava organizada:

Junto, estou mandando uma cópia do prefácio da antologia que organizei. Já a entreguei ao Cortesão e assim que a tiver comigo, impressa, mandarei um exemplar. Juntarei então uma carta dando certas indicações sobre certos poetas completamente desconhecidos de nós brasileiros e que me parecem excelentes. (MELO NETO, 1946a)

Como o prefácio encontrado não traz os nomes dos poetas, o pouco que se sabe sobre o material selecionado é fruto de declarações de Cabral constantes em correspondências e entrevistas. Em carta a Lauro Escorel de novembro de 1946, diferentemente do que faz no prefácio, em que põe ênfase nos limites do escolhedor, gaba-se, por meio de um recurso retórico que atribui a uma terceira pessoa abalizada a opinião sobre seu trabalho, de sua capacidade de saber escolher os melhores poetas. Também se refere à enorme diferença de qualidade entre os poetas do período, explicita sua

empolgação com os simbolistas António Nobre, António Patrício e Camilo Pessanha, e manifesta uma total falta de gosto pelo então prestigiado Júlio Dantas:

Você perguntou se já acabei a Antologia. Já acabei, sim e já a entreguei ao Cortesão. Agora, só espero a gaita. Um exemplar lhe será mandado assim que saído [...] Há realmente alguns bons poetas naquela fase, embora nem todos devam ser julgados pelo que lá está: são alguns tanto piores. Não digo isso para me elogiar, pretendendo ter sabido escolher o melhor de cada. Estou transmitindo a opinião do Joaquim Cardozo, a quem dei a conferir algumas das escolhas. Isso significa que alguns são autores de algumas suas coisas boas, perdidas num matagal de drogas, e o fato do Cardozo ter concordado com a seleção significa que a diferença de realidade dentro da produção dessa turma é evidente demais e não existe em função de qualquer preferência pessoal apenas. De António Nobre, António Patrício, Camilo Pessanha, por exemplo, tem-se vontade de citar tudo. Em relação a outros, a vontade já é outra: é de citar mais, porque o pouco que presta quase não ocupa nenhum espaço: Júlio Dantas, por exemplo. (MELO NETO, 1946b)

Posteriormente, mais de uma vez, volta a encarecer a poesia de António Nobre e Camilo Pessanha. Nos anos 1990, diz preferir o autor de *Clepsydra* e outros a Fernando Pessoa. Em carta a Alberto de Serpa de 1956, escreve serem Nobre e Cesário Verde as suas “maiores manias portuguesas” (FIUZA; SARAIVA, 2022). Antes disso, em carta de 1950 ao mesmo destinatário, esclarece o que valoriza no autor do *Só*:

O meu António Nobre é menos o subjetivismo do homem António Nobre que certos aspectos de sua poesia. Portanto não é nada idealista o poeta para mim. É materialista. É, sobretudo, o homem que teve a coragem de empregar prosaísmos, o homem que empregava palavras concretas em lugar de palavras abstratas. Por isso, me encanta tanto Cesário Verde. (FIUZA; SARAIVA, 2022)

Indubitavelmente, como posto conscientemente no prefácio, Cabral constrói um Nobre para si, indo nele buscar valores poéticos caros à sensibilidade moderna e à sua própria poesia.



Mas é em outro poeta que ficou fora do período contemplado pela antologia e de sensibilidade moderna, Cesário Verde, que Cabral reconhece o seu grande precursor na tradição poética portuguesa. É seguro que Cabral tenha lido Cesário nos anos 1940 e a partir desses anos reconheça, em cartas e entrevistas, a sua admiração imensa ao autor de “Num bairro moderno”, mas só na década de 1960 o reverencia em sua poesia, o que se dá em um dos poemas críticos que integram a série “O sim contra o sim”, do livro *Serial* (1961).

Voltando aos poetas da antologia, numa entrevista saída no jornal *O Mundo Português*, de 1985, Cabral encarece, num tom anedótico, a poesia de Jaime Cortesão, mais pontualmente o livro de crítica ao salazarismo *Missa da meia-noite e outros poemas*:

Havia, entre os outros [poetas que incluiu na antologia *De António Nobre ao Saudosismo*] um poeta chamado António Froes, que me pareceu muito interessante, e eu queria botar algumas coisas desse António Froes na antologia. Procurei em todo lugar, e não havia a menor referência ao António Froes. Então, quando a antologia ficou pronta, fui ver o Jaime Cortesão, e disse: “Professor, olhe aqui, eu gostaria de botar aqui alguma coisa de um cidadão chamado António Froes, mas eu não sei quem é. Não consigo achar uma referência, não sei nem se ele é desta geração, não tenho a menor ideia”. Então, o Jaime Cortesão, puxando a barba, disse: “O meu caro João Cabral gostou realmente? Então, vou dizer-lhe uma coisa. Eu sou o António Froes”. Disse ele que era um livro assim meio satírico a Salazar e ele quis publicar com pseudônimo. (ATHAYDE, 1998, p. 140)

A sensibilidade moderna que está no centro do prefácio e move as predileções de Cabral o faz manifestar, em depoimento concedido em 1969 a Fábio Freixieiro e adaptado à 3ª pessoa, sua recusa ao mentor e figura central do Saudosismo:

[...] o Poeta refere-se a que a “Livros de Portugal” iria fazer uma antologia De António Nobre ao Saudosismo (Teixeira de Pascoaes) [...] Então leu pilhas de poetas dessa época: Afonso Lopes Vieira, Augusto

Gil, Jaime Cortesão... Detestou Teixeira de Pascoaes, de quem escolheu, a contragosto, um poema... simplesmente porque estava em outras antologias. (FREIXIEIRO, 1971, p. 184)

Um dos pontos de interesse dos rastros dessa antologia que não foi publicada é que eles evidenciam que, a despeito das diversas e tão propaladas declarações de Cabral de que leu muito pouco a tradição poética portuguesa, ele já havia realizado, aos 26 anos, uma leitura sistemática dela para compor a sua antologia. Nesse momento, trava conhecimento com poetas pelos quais demonstra admiração, como Camilo Pessanha, poeta de exceção cuja importância só cresceu a partir do Modernismo português, mas também com outros, que foram perdendo o prestígio. Leu ainda, talvez motivado pela antologia organizada por Cecília Meireles, não apenas poetas de António Nobre ao Saudosismo, mas outros que lhe são contemporâneos, como menciona em carta a Escorel:

Andei arranjando aqui – resultado do interesse pelos portugueses do modernismo – alguns livros de portugueses modernos. Nessa turma também tive uma revelação. Há alguns cidadãos como Miguel Torga, Carlos Queiroz, Vitorino Nemésio e outros que são de me encher as medidas. (MELO NETO, 1946b)

Lembro, de passagem, que Vitorino Nemésio é autor da primeira crítica publicada em Portugal sobre a poesia de João Cabral, tendo escrito uma resenha sobre *O engenheiro* saída no *Diário Popular* de Lisboa em 1949.

A partir dos anos 1950, inicialmente por intermédio do escritor e amigo Ruben A., e, depois, nos anos 1960, por conta do estreitamento de suas relações literárias com Portugal, Cabral frequenta os poetas de sua geração, sendo, entre todos, Sophia de Mello Breyner Andresen sua maior admiração. Esses poetas exerceram uma grande importância na difusão e no reconhecimento do autor de *Quaderna* em Portugal. Mas isso é matéria para outro artigo.

A preparação da antologia *De António Nobre ao Saudosismo* coincide com o trabalho do poeta no livro *Psicologia da composição*. Se

muitos poetas portugueses lidos representam uma tradição que Cabral refuta nesse livro de 1947, há outros que, como ele, também abriram um caminho novo no lirismo luso-brasileiro, mesmo que insista, no prefácio da antologia, na diferença entre a sua “sensibilidade moderna” e a dos poetas mais antigos.

A antologia *De António Nobre ao Saudosismo* testemunha, ainda que de modo fragmentado, incompleto e por meio de rastros, o quanto a tradição portuguesa esteve presente no acervo leitor de João Cabral, a despeito do discurso posterior que ele construiu sobre essa tradição e sobre o papel dela na sua formação<sup>3</sup>. Esse discurso lusófono parece ter sido influenciado pelo Modernismo nacionalista de Mário de Andrade, e comparece no prefácio por meio de um dos limites apontados pelo organizador ao selecionar os poetas para a antologia.

\*  
\*   \*

Realizei a primeira transcrição do prefácio, cujo original se encontra em documento dactiloscrito, em 2019. A partir dessa transcrição, escrevi o artigo citado na nota de rodapé n. 1, o qual foi adaptado para esta apresentação. No final de 2021, considerando a autorização da Agência Riff para publicar o prefácio em revista acadêmica, solicitei à Fundação Casa de Rui Barbosa, que, na ocasião, realizava atendimento apenas por e-mail devido às restrições sanitárias, o envio de versão digitalizada do paratexto para realizar o cotejo da transcrição com o original. O prefácio digitalizado me foi enviado em janeiro de 2022. Ao cotejar a versão transcrita com o arquivo enviado, apesar de não haver alteração propriamente textual, constatei a existência de algumas diferenças, como vírgula e a parte final, após a data, a lápis na versão a partir da qual realizei a transcrição, e dactiloscritas na que me foi enviada; o nome do autor após a data naquela versão e a sua omissão nesta. Essas pequenas diferenças me

---

<sup>3</sup> Sobre as relações de João Cabral com a literatura portuguesa, remeto ao artigo “João Cabral de Melo Neto e a tradição poética portuguesa” (FIUZA, 2015).

levaram a inferir a existência de dois arquivos do prefácio. Considerando que o arquivo que me foi enviado se encontra em versão integralmente dactiloscrita, deduzi ser esta a última versão do documento. Em função disso, o prefácio que se lerá seguiu essa versão. Na transcrição, limitei-me a atualizar a ortografia, o que se restringiu basicamente aos acentos, e a corrigir uma gralha. A pontuação foi mantida como no original, salvo em um caso em que inseri um ponto e vírgula, colocado entre colchetes para explicitar a intromissão no texto. No mais, a transcrição foi fiel ao original.

Agradeço ao Arquivo-Museu da Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, que guarda o espólio de João Cabral de Melo Neto, e a seus funcionários, especialmente a Cláudio Vitena, que prontamente me enviou o prefácio digitalizado. Agradeço também e sobretudo aos herdeiros do poeta, que autorizaram, por meio da Agência Riff, a sua publicação em revista acadêmica.

PREFACE OF THE ANTHOLOGY *DE ANTÓNIO NOBRE AO SAUDOSISMO*, PRECEDED BY AN INTRODUCTION

ABSTRACT

Preface written by João Cabral de Melo Neto for the anthology *De António Nobre ao Saudosismo*, which was not published. Preceding the preface there is a critical introduction, which aims to partially recompose the anthology and also rapidly situates the paratext within the relations between the poet and Portugal.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto. Anthology. *De António Nobre ao Saudosismo*. Poetic relations Brazil-Portugal.

---

PREFACIO A LA ANTOLOGÍA *DE ANTÓNIO NOBRE AO SAUDOSISMO*, ANTECEDIDO DE UNA PRESENTACIÓN

RESUMEN

Prefacio escrito por João Cabral de Melo Neto para la antología *De António Nobre ao Saudosismo*, que no se llegó a publicar. Antecede al

prefácio una presentación crítica, que trata de recomponer parcialmente la antología, además de situar de forma breve el paratexto en el ámbito de las relaciones entre el poeta y Portugal.

PALABRAS CLAVE: João Cabral de Melo Neto. Antología *De António Nobre ao Saudosismo*. Relaciones poéticas Brasil-Portugal.

---

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Félix. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FBN; Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

FIUZA, Solange. João Cabral e os rastros da antologia De António Nobre ao Saudosismo. *Alea*, v. 24, n. 2, p. 203-214, 2022a.

FIUZA, Solange. “Um poeta meu”, “nosso mestre”: presença de Mário de Andrade em Carlos Drummond de Andrade. *Brasil/Brazil*, v. 36, n. 68, p. 43-56, 2022b.

FIUZA, Solange; SARAIVA, Arnaldo. *Correspondência João Cabral-Alberto de Serpa*. Cotia: Ateliê Editorial. (no prelo).

FIUZA, Solange. João Cabral de Melo Neto e a tradição poética portuguesa. *Abril*, v. 7, p. 127-141, 2015.

FREIXEIRO, Fábio. *Da razão à emoção II: ensaios rosianos, outros ensaios e documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

MEIRELES, Cecília (seleção e prefácio). *Poetas novos de Portugal*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1944.

MELO NETO, João Cabral. [Correspondência]. Destinatário: Lauro Escorel. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1946a. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

MELO NETO, João Cabral. [Correspondência]. Destinatário: Lauro Escorel, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1946b. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

MENDES, Murilo. [Correspondência]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1949. (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

NEMÉSIO, Vitorino. “Poesia ‘engenhosa’”. *Diário popular*, Lisboa, 15 de junho de 1949. p. 5 [Republicado em NEMÉSIO, Vitorino. “Engenheiro de poemas”. *Conhecimento de poesia*. Lisboa: Verbo, 1970. p. 257-261].

## PREFÁCIO

Os Editores desta Antologia concordaram em deixar ao seu organizador a mais completa liberdade de escolha: de autores e de textos. Isso significa que os Editores desta Antologia estiveram de acordo que uma sensibilidade brasileira moderna, entregue unicamente a si mesma (a seu gosto, tanto vale dizer, como Valéry, a seus mil desgostos) presidisse à seleção desta série de poesias portuguesas, agora publicada no Brasil para o leitor brasileiro.

Fazer uma tal concessão significa, implicitamente, concordar com que nenhuma consideração estranha ao puro exercício dessa sensibilidade deveria intervir. Referimo-nos (e desde logo, por estarem muitas vezes associadas a este gênero de publicações) a considerações da natureza das eruditas, das que visam documentar tal período ou tal movimento de uma história literária qualquer[;] traçar deles um retrato completo; apresentar todas as inúmeras variações que compõem a fisionomia de uma determinada fase de história literária, com todas as incontáveis correntes internas, subterrâneas, todas as ligações secretas e frágeis de família de espíritos, que se estabelecem e logo se rompem, todos os caminhos empreendidos ou simplesmente entrevistados.

Não queremos significar, com tais palavras, nenhuma repulsa a essa espécie de micro-história literária, tão cara, por exemplo, aos que lidam com o aspecto pedagógico da atividade literária: professores e estudantes de história das literaturas. Apenas definir, logo de início, o caráter do presente volume. Para realizar trabalho de escoliasta, não só nos faltaria

a qualificação necessária como, sobretudo a documentação indispensável e o gosto. Documentação (em textos propriamente e em informações) quase impossível de se obter no Brasil, onde, apesar da língua comum, muitos dos nomes de poetas portugueses aqui reunidos vão soar, estamos certos, como se pertencessem a autores tchecos.

Do fato de ser brasileiro o organizador desta Antologia, toda uma série de problemas vai surgir, quer no que diz respeito ao conjunto de mitos que caracterizam a literatura de qualquer país, quer na ordem do instrumento linguístico propriamente, isto é: as diferenças prosódicas, tão mais sensíveis numa arte como a poesia, essencialmente apoiada na musicalidade das palavras; as diferenças semânticas; as diferenças no valor de circulação das palavras, que dão um ar de raridade a expressões perfeitamente comuns entre portugueses, ou a recíproca, etc. Diferenças todas essas que contribuem para anular uma quantidade considerável de efeitos desejados pelos autores e obtidos, certamente, entre os leitores de seus país, tanto é verdade que a poesia parece concorrer para tornar mais irredutíveis, não só as línguas nacionais como as próprias línguas individuais.

Outro traço da sensibilidade que presidiu à elaboração desta Antologia é o fato de ser ela uma sensibilidade moderna. Moderna no sentido de que as manifestações da chamada literatura moderna existem para ela, e com um valor poético que nada tem do puro interesse científico: psicológico ou linguístico.

Quanto a este ponto, creio que o risco sofrido pelos Editores aumentou aqui consideravelmente. Aumentou, por exemplo, em relação à bela Antologia dos “POETAS NOVOS DE PORTUGAL” que para esta mesma coleção organizou Dona Cecília Meireles, na verdade só podendo resultar muito mais fecundo o encontro de qualquer sensibilidade com as obras de um grupo de poetas de sua própria geração. Sobretudo, como foi ali o caso, quando tal sensibilidade pertence a um autor para quem se colocam idênticos problemas de ordem criadora. No caso, a valorização de técnicas tradicionais, preocupação que faz a experiência da autora de

“MAR ABSOLUTO” tão parente da realizada por grande parte daqueles poetas novos de Portugal.

Na situação presente, tal conjunção não se estabeleceu. Estabeleceu-se, ao contrário, uma diversidade enorme de idade (tanto vale dizer: de gosto) entre poetas que floresceram no fim do século passado e princípio deste século, e um escritor nascido para a vida literária depois de 1940. Por outras palavras: nenhum contacto afetivo existiu antes (que de alguma forma, pudesse, favorecer a receptividade) entre autor e crítico, ou melhor entre autor e leitor, nenhuma influência havendo tais autores exercido (sua estética, seus pontos de vista) na formação de um tal leitor.

Aliás, contemporaneamente, o problema dessa verdadeira luta de gerações parece conter um elemento mais sério do que uma simples diversidade de gostos. Ou por outra: um elemento cuja natureza a simples referência a uma diversidade de gosto não explica suficientemente. Na verdade, se é certo que o sentido moderno da poesia está determinado pelo que alguns autores denominam a “prise de conscience” de si mesma, é uma certeza disso decorrente que o contacto com a poesia condicionada por essa consciência haveria de transformar, essencialmente, a posição de um qualquer leitor moderno, quando colocado diante de poetas como (já que aqui é questão deles) os da fase que na literatura portuguesa vai de António Nobre ao movimento do “saudosismo”. Este foi o principal problema que nos acompanhou durante o trabalho de preparação desta Antologia e que, durante todo o curso de seu desenvolvimento, nos fez duvidar se, em lugar de escolher o que nestes poetas é o mais característico não estaríamos a destacar o que possuíam eles de mais moderno, de precursores.

Gostaríamos de saber esboçar aqui (e o lugar me parece próprio), permanecendo no campo estritamente econômico das relações entre produtor e consumidor do objeto poético, o sentido em que, sob a influência dessa poesia consciente de si mesma, se modificou a sensibilidade do leitor moderno. Cumpre fazer notar que dos vários aspectos dessa “prise de conscience” retivemos aqui, unicamente, aquele que viria libertar a ideia de poesia da ideia de obediência a um certo número de regras fixas.



Não há dúvida que, à afirmação feita acima, da existência de uma sensibilidade moderna caracterizada, uma fácil objeção pode ser apresentada: a de que essa chamada consciência de si mesma não poderia transformar num único sentido a sensibilidade de um leitor moderno, pelo fato muito simples de que ela veio agravar, ainda mais, a diferença entre os dois tipos de artistas que vemos se substituir na história dos espíritos e os quais, contemporaneamente, parecem aplicados a tocar os pontos extremos do romantismo e da elaboração clássica. Isto é: essa consciência de si mesma resultou na atitude estética daqueles que se parecem abandonar às obscuras leis do acaso (cujo interesse o leitor moderno costuma descobrir nas fugitivas revelações que o ditado do inconsciente vai, desorganizadamente, semeando, e se destacam e se desprendem do fundo neutro do poema) e, num campo oposto, na atitude daqueles outros autores em quem tal consciência da poesia está associada a uma correspondente consciência artística (autores em quem há a assinalar o trabalho de eliminação de todo o material neutro, em benefício do poeticamente válido, do maior rendimento poético).

Entretanto, e apesar da contradição acima apontada (de resto absoluta, quando se encara tais autores do ponto de vista de sua poética), e apesar do que a leitura do primeiro desses dois tipos de poetas exige de passividade distraída e a dos últimos de atenção continuada, essas duas atitudes se identificam no fato de ambas reduzirem a unidade poética a um mínimo material; no fato de ambas tratarem o poema com uma coleção de entidades poéticas completas em si, mais ou menos frequentes, quer se trate de um ou outro tipo, soltas entre grandes extensões de matéria indiferente ou perfeitamente organizadas, umas às outras (mas ainda aqui valendo mais por si próprias do que em função do conjunto); ou, concluindo, no fato de ambas as atitudes proporem à sensibilidade do leitor pequenas unidades poéticas (uma imagem, uma relação de palavras, uma palavra num estado de solidão absoluta e independência), súbita e inesperadamente reveladas.

Uma tal concepção de poesia determinou o que acima chamamos uma “sensibilidade moderna”. Contrariamente a um tipo

de sensibilidade que exigia menos do verso e muito mais do poema; contrariamente a um tipo de sensibilidade para quem a poesia não era, puramente a sensação que pode suscitar em vós a surpresa de uma imagem, mas a demorada contemplação de uma coisa que a obra literária evocava ou comentava para ela, sensibilidade que, de resto, justificava (por exigi-las e aceitá-las) a poesia épica e a poesia dramática, contrariamente a essa sensibilidade, dizíamos, a do leitor moderno se caracteriza pela sua descontinuidade.

Esse caráter de sensibilidade moderna que parece funcionar sob o efeito de choques, (ou esse vício, como preferirão muitos chamar) torna, forçosamente, um tanto particular a convivência de um leitor moderno com obras de poetas mais antigos. Tornou um tanto especial o trabalho de escolha destes poemas. Na seleção de tal ou qual poema ele há de ter desenvolvido sua ação subterrânea, no sentido de, por exemplo, valorizar, em detrimento do poema tal ou qual imagem; em prejuízo de sua significação, sua atmosfera; em detrimento de sua continuidade orquestral, tal ou qual efeito melódico; em prejuízo de suas qualidades intelectuais, suas qualidades sensoriais.

&&&&&&  
&&&&  
&&&  
&

Estes são apenas dois dos problemas nascidos da situação criada com a encomenda da presente Antologia. Outros que existem, e que poderiam ser facilmente desdobrados deles, por agravarem ainda mais o mal-entendido que toda literatura traz em si, não virão tornar esta seleção de textos absolutamente irrepresentativa do momento que pretendeu resumir?

Creemos não ter muito direito a formular uma tal dúvida, desde que aceitamos um trabalho dessa natureza. Daí preferirmos pensar que ela não se justifica, pelo menos de um modo tão absoluto, e que a ela tenhamos

sido levados pelas lentas indecisões, próprias a qualquer trabalho de escolha, a respeito de textos a incluir e a eliminar.

Como quer que seja, tais reservas no frontispício destas páginas não serão de todo inúteis, por nos parecerem que ajudarão a desculpar certas incompreensões mais visíveis.

Rio de Janeiro, 1946.

Prefácio para a Antologia “De Antonio Nobre ao Saudosismo” da Editora “Livros de Portugal”. Não chegou a ser publicada.

MELO NETO, João Cabral. [Texto crítico] Prefácio para a antologia “De António Nobre ao Saudosismo” da Editora Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1946 (Arquivo Literário de João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

---

Submetido em 28 de junho de 2022

Aceito em 21 de julho de 2022

Publicado em 25 de setembro de 2022

---